

Paródias aos *Lusiadas*

J. O. MARINHO
da Sociedade de Língua Portuguesa

Cerca de cinco anos antes da sua morte, que ocorreu em 1925, o polígrafo Alberto Pimentel, que sempre demonstrou predileção por temas históricos, fez publicar um livro intitulado “Dos Poemas Herói-Cômicos Portugueses”, no qual se refere, com relativo pormenor, a algumas paródias aos “Lusiadas”.

Não tendo conseguido adquirir tal obra, que, de resto, vimos apenas mencionada num dos números da erudita revista “A Águia”, editado em 1920, ao filho do autor, Dr. Alberto Pimentel Filho, dedicado compilador dos trabalhos paternos, devemos os detalhes que nos encorajaram a conceber o presente.

A mais antiga paródia ao poema épico de Luís de Camões de que há notícia, provavelmente publicada em 1589, teve como autores quatro ortodoxos estudantes de Teologia da Universidade de Évora: Bartolomeu Varela, Luís Mendes de Vasconcelos — que não contribuiu senão com um verso — Manuel Luís Freire — o principal fautor — e Manuel do Vale.

Esta paródia, composta em segredo, durante dois meses nos arrabaldes da velha cidade alentejana, não passou do Canto Primeiro. E foi, na época, bastante festejada.

O tema escolhido pelos quatro jovens parodiantes foi de algum modo pueril: as orgias gastronómicas de certos bebedores eborenses seus contemporâneos.

O poema começa assim:

*Borrachos, borrachões assinalados
Que de Alcochete junto a Vila Franca*

*Por mares nunca dantes navegados
Passaram inda além de Peramanca; (1)
Em pagodes e ceias esforçados,
Mais do que permite a gente branca,
Em Évora cidade se alojaram,
Onde pipas e quartos despejaram.*

O jesuíta castelhano Padre Ferrer — de cujo intelecto a Companhia, por certo, não se orgulhará — chegou mesmo a afirmar, sériamente, que esta paródia, apesar de suja, fora a melhor obra que até então vira!

A paródia, ao que sabemos, manteve-se inédita até 1845, ano em que foi publicada no primeiro número da “Miscellania Historica e Litteraria”, editada no Porto. Utilizou-se, para o efeito, uma das cópias, pertencente ao licenciado Bartolomeu Varela — um dos autores — e, mais tarde, ao chantre da Sé de Évora, Manuel Severim de Faria.

Tal cópia foi, de resto, novamente reproduzida em 1880, em Lisboa, num folheto de 36 páginas. A sua apresentação gráfica era assaz modesta.

António de Magalhães e Menezes, senhor da Ponte da Barca, escreveu — sem nenhum rasgo de inspiração — o Segundo Canto desta paródia, subordinando-o ao mesmo tema báquico. O Senhor António Francisco Barata, que dele possuía uma cópia, publicou-a — talvez por amor ao mecenato — sob a forma dum opúsculo de 34 páginas, em 1895.

No século XVIII, apareceu uma paródia ao episódio do Velho do Restelo, de autor aparentemente ignorado, inspirada pela soprano italiana Ana Zamperini. Recebeu o título de “Zamperineida”.

No século seguinte, Faustino Xavier de Novais publicou no periódico carioca “O Futuro” uma outra paródia ao Primeiro Canto dos “Lusíadas”. Denominou-a “Dinheiro”. Foi incorporada nas suas “Poesias Posthumas”, editadas no Porto em 1877.

Um autor de dicionários, F. A. de Almeida, iniciou em 1865, na capital portuguesa, a publicação de mais uma paródia abrangendo os cinco primeiros Cantos do poema épico camoneano, sob o título “Os Lusíadas do Século XIX”. O segundo tomo desta paródia saíu do prelo em 1884. O tema refere-se essencialmente, como o título sugere, aos acontecimentos políticos portugueses daqueles séculos:

*Os asnos figurões assinaldos,
Que da classe dos getas e bananas,
Passaram ainda além dos fofos Tanas,
Em certo dia muito apoquentados
Mais do que julgam almas sempre humanas,
Entre Vianna e Vallada edificaram
Novo Reino que tanto sublimaram.*

Um cidadão francês, de nome “literário” J. R. M. Scarron e de apelido Mesnier, que residiu no Porto durante 40 anos — na Rua de Cimo de Vila, que ainda hoje existe — e depois foi juntar-se a sua mulher, radicada no Brasil, também decidiu parodiar os “Lusíadas”. Fê-lo em 1883, sob o título “Les Lusiades travesties, parodie en vers burlesques, grotesques et sérieux-Voyage maritime et pédestre du grand portugais Vasco da Gama”, usando versos alexandrinos pareados, mas divididos quatro a quatro. Parece que as caricaturas que ilustram alguns Cantos desta paródia são de autoria do artista Sebastião Sanhudo.

O Senhor Mesnier implora, na Invocação do seu poema:

*Et toi, grand Camoens, exhausse mon désir,
Prête moi ton secours, tu me feras plaisir.
Aide moi dans ce jour et lance dans ma veine,
Le souffle Olympien, de ta divine haleine!*

O homem de Letras Francisco Duarte de Almeida e Araújo, que foi re-dactor da Câmara dos Pares, compôs, em 1957, uma paródia erótica aos “Lusíadas”. Sendo inédita, não pôde publicar-se já que os herdeiros do autor, após a sua morte, jamais localizaram o original.

Uma “Parodia, sem pretensões, aos Luziadas, do nosso falecido collega e illustre thalasa, cidadão Luiz de Camões”, da autoria do jornalista António Correia Pinto de Almeida, que usava o pseudónimo de Marco António, começou a ser publicada em 18 de de Setembro de 1912, no periódico lisboeta “Os Ridículos”. O tema abrange os acontecimentos políticos que culminaram com a implantação da República. Esta paródia foi, posteriormente, reimpressa em livro.

O estudante portuense Eduardo Maria, tomando por base uma lauta ceia de quartanistas de Medicina realizada em Ermezinde, subúrbio da Cidade Invicta, publicou, em 1893, mais uma paródia aos “Lusíadas”. Chamou-lhe “A Jantareida”. A tiragem, a cargo da Imprensa Moderna, foi de apenas 100 exemplares, dos quais 28 numerados, talvez destinados aos participantes no ágape. São 15 páginas, compreendendo 20 oitavas.

Assim começa a Proposição:

*Os rapazes alegres, divertidos,
Que da grande estação de Campanhã (2)
Por caminhos já d’outros percorridos
Sahiram certo dia de manhã;
E em folgedos há muito apetecidos,
N’uma alegria louca, viva e sã,
Entre gente remota encommendaram
Um jantar que depois en guliparam.*

(2) — Principal estação ferroviária da cidade do Porto, onde existem várias outras.

E em 1916, o Dr. Júlio de Vilhena revelou, no primeiro volume da sua obra autobiográfica “Antes da República”, que o rei Luís I lhe lera uma paródia do Canto Primeiro dos “Lusíadas”, de que era autor. O herói da paródia, cantado pelo monarca, era um bacharel em Direito, então muito conhecido.